

## LIBERDADE E POSSIBILIDADE EM LEIBNIZ

SUELLEN CAROLINE TEIXEIRA<sup>1</sup>

JAIRO DIAS CARVALHO<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo se remete à conclusão do trabalho de Iniciação Científica intensificando o tema da liberdade em Leibniz. A liberdade é um tema ainda muito confuso no ensaio leibniziano. Para o estudo aprofundado deste assunto tão instigante foi feita uma análise das substâncias individuais e dos mundos possíveis. A partir do debate entre Leibniz e Arnauld surgiu uma obra de extrema importância: o *Discurso de metafísica*, que só veio a ser conhecido depois de mais de 150 anos da sua compilação, em 1846. Nele, estão agregados todas as considerações de Leibniz sobre a fé, o bem e a liberdade, que utilizamos para a elaboração deste texto. Na conclusão do trabalho mostramos que a real liberdade proposta por Leibniz está na possibilidade de fazer diferente, na medida em que o homem aja por si na direção de um bem, de maneira contingente.

**Palavras-chave:** Leibniz; Liberdade; Deus; Substância Individual; Mundos possíveis.

### RÉSUMÉ

L'article fait référence à l'achèvement des travaux de initiation scientifique intensifie Le thème de La liberte chez Leibniz. La liberte est toujours une question très déroutant dans le leibnizienne process. Pour une etude approfondie de ce sujet fascinent comme une analyse des substances individuelles et de tous les mondes possibles. Depuis le débat entre Leibniz et Arnauld émergé un travail d'une extrême importance: le Discours de métaphysique, qui vint à être connue qu'après plus de 150 ans de sa compilation en 1846. En elle sont regroupées toutes les considérations de Leibniz sur la foi, la bonté et la liberté, que nous utilisons pour préparer ce texte. Lors de la conclusion des travaux, nous montrons

---

<sup>1</sup> Suellen Caroline Teixeira: Discente do curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de Iniciação Científica pela Fapemig em 2009, orientada pelo Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho. Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1U - Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG – Brasil. CEP 38.408-100 E-mail: suellencaroline1989@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Jairo Dias Carvalho. Docente do curso de Filosofia do Departamento de Filosofia, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Campus Santa Mônica, Bloco 1U, Av. João Naves de Ávila, 2121 Bairro Santa Mônica, CEP 38.408-100 Uberlândia MG Brasil. E-mail: jairodc\_8@hotmail.com

que la vraie liberté proposé par Leibniz, c'est la possibilité de faire autrement, comme vous d'agir pour vous dans une bonne direction, donc contingentes.

**Mots-clés:** Leibniz ; la Liberté ; Dieu ; Substance Unique ; Mondes Possibles.

## INTRODUÇÃO

Podemos dizer que as obras leibnizianas são no mínimo instigantes. Leibniz nos leva a pensar a liberdade, tema tão discutido na filosofia, de um modo curioso e singular. Nosso principal objetivo neste artigo foi explorar o conceito de liberdade para Deus e para os homens, para isso, expusemos a teoria leibniziana no que diz respeito à substância e aos mundos possíveis.

Na primeira parte do texto intitulada *A Substância*, definimos o que é a substância, do que ela é formada e qual a sua conexão com as outras substâncias existentes e com Deus. Deixamos bem claro que as substâncias são criações de Deus e que elas dependem inteiramente Dele para subsistirem. Deus deu a cada substância o livre arbítrio, a opção de escolher entre as alternativas, mas, como criador onisciente, já sabe muito antes o que a criatura vai escolher.

A segunda parte foi denominada como *Mundos Possíveis*. A teoria de mundos possíveis de Leibniz foi a alternativa encontrada pelo filósofo para provar a liberdade de escolha das substâncias, que, como ele afirma, são as possibilidades mais perfeitas no mundo mais perfeito. O Deus leibniziano cria o Mundo atual por ser o melhor mundo possível, mas nem por isso as possibilidades deixam de existir, mas só existem no pensamento divino e não como realidade atual. Nesta parte, abordamos a compossibilidade e a impossibilidade, que são a forma que as possibilidades se correlacionam. O mundo que existe é o que atinge o maior grau de essência dentro da combinação de elementos simples e compossíveis.

Na terceira parte abordamos o principal tema do nosso estudo, a *Liberdade*, que é definida por Leibniz como a união da espontaneidade e da intelecção. Para Leibniz o

homem é livre por ter o livre arbítrio, e a liberdade divina está baseada na teoria dos mundos possíveis.

Em três pequenos capítulos tentamos expor de forma clara e sucinta uma pequena parcela da teoria da liberdade divina e humana de um dos maiores filósofos da modernidade.

## MATERIAL E MÉTODOS

A obtenção de elementos para o artigo teve como origem a pesquisa bibliográfica. A busca teórica nesse tipo de material foi realizada para a comprovação e estudo da liberdade, possibilidade e determinação apoiada no enorme desenvolvimento leibniziano de seus comentadores e estudiosos. O procedimento metodológico escolhido foi o dedutivo, pela sua racionalidade lógica, que a partir da pesquisa teórica, busca sempre conceitos gerais para encontrar os particulares. A técnica utilizada foi a análise textual, temática e interpretativa do material.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. A Substância

As ações das criaturas estão inseridas na sua noção enquanto substância individual. Leibniz define substância. Nominalmente se diz substância quando se pode atribuir um grande número de predicados a um único sujeito, sem que nenhum outro possa ser desta maneira caracterizado. A melhor definição de substância é que ao atribuir verdadeiramente a um sujeito requer que os predicados estejam inseridos de alguma forma nele, sendo propriedade dele. De qualquer forma os predicados definem o sujeito, e se eles não estiverem claramente enunciados, estarão compreendidos virtualmente, o que chamamos de *in-esse*.

Para entender o sujeito é necessário entender os predicados que o compõem, senão a compreensão não é perfeita. Leibniz afirma que é preciso o termo do sujeito conter sempre

o do predicado, e só assim teremos a noção completa, que é a total compreensão dos seus predicados, o que define essa identidade única.

A noção individual carrega tudo o que pode pertencer à substância: a sua influência na permanência da harmonia do universo, todas as suas características extrínsecas e intrínsecas, o porquê de suas ações e tudo o que lhe aconteceu e acontecerá. Assim, para conhecer verdadeiramente um indivíduo é necessário conhecer sua noção individual completa, por esse motivo só há um ser capaz de conhecer todas as criaturas: o criador.

Para que na substância individual estejam inevitavelmente incluídos seus predicados deve haver um vínculo intrínseco, onde na essência da substância está presente seus predicados *a priori*, conservando sempre o mesmo “eu”. Deste modo, é inconcebível admitir mais do que um “eu” atualizado por Deus. E é daí que surge o maior princípio leibniziano que diz que é preciso que “exista sempre qualquer fundamento da conexão dos termos de uma proposição, o qual se deve encontrar nas suas próprias noções”, ou seja, nada acontece por acaso, há sempre uma razão para cada acontecimento.

A noção individual contém circunstâncias existenciais (que fazem referência aos decretos divinos e as ações das criaturas), que dão origem ao indivíduo atual. Se não houvesse a ligação da noção com as circunstâncias, esta ligação dependeria apenas da vontade divina, que é chamado de conexão extrínseca. Se dependesse apenas do entendimento divino seria intrínseca e necessária, pois Deus não tem o poder de escolher se vai ou não pensar ou existir. Então, não se trata de uma conexão necessária, mas é intrínseca, pois os decretos divinos devem ser tomados como possíveis. As noções completas ou individuais, que constituem as verdades contingentes, envolvem as circunstâncias do tempo e lugar e os decretos livres de Deus tomados como possíveis estão contidos na noção completa. Não é por causa disso que o homem perde a liberdade, pois sua noção conta com a vontade e a razão, o que lhe permite não só fazer algo, mas também querer fazer e pensar como fazer.

Deus foi livre em seus decretos, segue as leis que ele próprio estabeleceu. Ele fez os homens dotados de razão para que por vontade própria tendessem sempre para um bem aparente, é disso que Leibniz afirma vir o dito que o homem é imagem e semelhança de Deus, pois é exprimindo ou imitando o criador que os seres buscam sempre a verdade. O

principal decreto de Deus é do melhor, ou seja, que as criaturas sempre inclinariam em busca do bem aparente.

A vontade humana está na sua espontaneidade, Deus conserva a razão dada às suas criaturas para que tendam sempre a um bem aparente, mas a ação não é necessária. Leibniz explicita bem na seguinte citação do *Discurso de Metafísica*: “a vontade está na indiferença, desde que se oponha à necessidade, e tem o poder de proceder diversamente ou ainda de suspender de todo sua ação, pois ambos os partidos são e continuam possíveis” (LEIBNIZ, 2004, p.63).

Apesar de sempre tenderem para o melhor, as criaturas nunca têm certeza do que realmente é o certo. Assim, o vínculo da substância com seus predicados, não é necessário, pois as escolhas que fazemos dependem de nós e somos por isso responsáveis por nossos atos.

Se pensarmos na relação entre a noção completa da substância e os decretos livres de Deus isto implica que podemos discutir que, se Deus, livremente, tivesse editado outro decreto, poderia haver outro mundo possível e outras noções, outro homem que habitasse essa nova possibilidade poderia não ter pecado e, assim, se esse mundo tivesse sido atualizado, ao invés do mundo que vivemos, a realidade atual seria completamente diferente.

Dentro dessas conjecturas podemos ir mais longe, supondo que (é mais provável que seja assim) nós, estas substâncias atualizadas hoje, não existiríamos, não passaríamos de meras possibilidades. Ou poderia ter sido outra possibilidade que contrariasse uma existência atual, mas que harmonizasse nesse mundo em questão.

Como Deus sempre busca o melhor e a harmonia, devemos estar certos que esse mundo atual, que vivemos, é superior dentre todas as possibilidades apresentadas. Sendo assim, somos também a melhor opção de todas as nossas possibilidades. A noção de cada uma compreende todos seus fenômenos, ou seja, tudo que lhe aconteceu e lhe acontecerá, acoplando assim todas as séries e suas conseqüências.

No parágrafo 13 Leibniz dá continuidade à discussão sobre a noção individual, ele é considerado a base de onde deriva todas as outras teses que dão origem ao livro. Leibniz afirma que todo ser carrega consigo, na sua essência, sua história de vida e o porquê da atualização de um acontecimento ao invés de outro.

Ao trocar correspondências com Arnauld esse tema é o que mais o escandaliza, pois aceitá-lo significaria limitar a liberdade de Deus pela criação do primeiro homem conectado com uma necessidade fatal dos acontecimentos humanos.

O fato de a substância individual ser única, e em cada noção estar descrito tudo o que lhe pertence, ou seja, tudo o que é parte dele, nos faz pensar que todas as ações e decisões do indivíduo já estão predeterminadas, é nesse ponto que Leibniz vê a importância de distinguir o certo do necessário.

Nas cartas, Arnauld erra ao comparar a grandiosidade do intelecto divino a de suas criaturas, que são insensíveis ao ponto de nem perceberem o futuro primeiro, e se afirmarmos que Deus é surpreendido pelos futuros contingentes estaremos duvidando de sua magnitude. Deus como criador já conhece todas as verdades e escolhas futuras de cada pessoa, o que não é uma negação da contingência, pois independente de partir de Deus ou das criaturas, proveio do livre-arbítrio. Ao criar Adão, Deus teve uma visão totalitária do mundo, ou seja, a noção e visão perfeita daquilo que acontecerá a cada pessoa. Se cada noção individual encerra tudo o que vai acontecer ao indivíduo, quando Deus criou o primeiro homem, criou tudo que descenderia dele e tudo que aconteceria aos descendentes.

A liberdade se baseia no princípio de que nada acontece sem razão para acontecer. Deus cedeu aos homens o mínimo de razão para que se inclinassem em busca do melhor, o que não implica a necessidade do que será feito.

A necessidade está presente nas verdades eternas que se fundamentam no princípio da não-contradição, que diz que é absolutamente necessário aquilo cujo contrário implica contradição. O outro tipo de necessidade é a hipotética, onde o contrário não implica contradição, o que considera a possibilidade de escolha, e portando a liberdade.

Para Leibniz os decretos livres de Deus e a série do universo se fundamentam na necessidade hipotética. Assim, Deus poderia ou não criar Adão. Durante a troca de correspondência com Arnauld, Leibniz percebe que ele confunde a necessidade hipotética com a absoluta, pois há coisas que Deus é livre para fazer e coisas que ele é obrigado a fazer em virtude de resoluções tomadas anteriormente. O que de fato é apenas consequência de uma ação tomada por Ele mesmo.

O fato da verdade de cada acontecimento estar assegurada no entendimento divino não implica necessidade absoluta, ou seja, os acontecimentos não deixam de ser

contingentes. Quando surge um conflito na vida de um homem no que ele tem que escolher entre “A” ou “B” e ele opta por “A”, onde podemos identificar vários fatores da teoria leibniziana.

Primeiro, a liberdade que está presente na necessidade hipotética que possibilita o indivíduo dentre duas ou mais opções escolher uma entre elas. Segundo, Deus deu às criaturas o instinto de sobrevivência, a busca incessante pelo fim último: a felicidade e a razão, que rege toda escolha, assim, o homem, por sua natureza inclina sempre para o melhor. E, terceiro, que Deus como ser supremo já sabe o que a criatura vai escolher, pois foi Ele que incluiu na essência humana a busca pelo melhor. Se Deus fosse surpreendido por suas criaturas, então, não seria Deus. As criaturas sempre se baseiam na razão dada por Deus para fazer uma escolha, e assim sempre buscam o que lhes parece melhor.

Quando Deus opta por um Adão ao invés de outro, já conhece sua posteridade, elegendo uma ao invés de outra, o que prova que Deus não escolhe nada particularmente, ele vê a totalidade e busca o bem e a ordem geral do universo.

Deus opta sempre pelo melhor, mas o que é menos perfeito não implica contradição, ou seja, Deus não deixa de escolher o menos perfeito por impossibilidade, e sim por sua imperfeição. Embora o menos perfeito não aconteça, ele continua a ser possível então o que ocorreu não era necessário que ocorresse, pois havia outra possibilidade, mas era certo que ocorresse, pois era o melhor.

Então, é certo, mas não é necessário que o homem escolha o melhor. A certeza está na razão dada por Deus de inclinação pelo melhor, e a não-necessidade significa a existência de outras possibilidades que o homem pode optar.

A importância da necessidade hipotética fundamenta toda teoria de mundos possíveis de Leibniz. Para entender algo é preciso estar fora desse algo, então para compreender o mundo atual, que vivemos, é necessário estar fora dele, e é esse fator que impõem a Leibniz a necessidade de estar em algum lugar. E foi aceitando a possibilidade de outros mundos onde houvesse outras possibilidades, o que também ajudou na compreensão da liberdade, a forma encontrada por Leibniz para que pudesse estudar e compreender o mundo que vivemos. Em cada mundo as substâncias estão em relação especular, cada uma exprime a sua totalidade de mundo.

O Nono parágrafo aborda várias discussões dessa ordem. O número de substâncias existentes já é definido no momento da criação do primeiro homem. Essa quantidade é constante, não é possível dividir e nem uni-las, e só poderão ganhar valor existencial e se findar, por criação e aniquilamento divino.

Ninguém é igual e cada um tem uma vivência e a sente de forma individual, “toda substância é como um mundo completo e como um espelho de Deus”, então se duas pessoas observam uma mesma paisagem, do mesmo local, cada uma sentirá sensível e interiormente de uma forma, conforme as experiências adquiridas, uma pessoa pode sentir da paisagem um cheiro que traga para ela boas lembranças, e outra pode ser que sinta ou veja algo que a desagrade, que lhe dê vontade de sair de lá. Dessa forma o universo é multiplicado por quantas substâncias houver. E quando Deus criou as substâncias permitiu a elas que cada uma pudesse ter uma parte dele, uma visão que ele teve do mundo, que seria uma forma estender a onipotência divina. É como se Deus quisesse que cada ser sentisse um pouco de sua glória e da grandiosidade da sua obra. Mas cada indivíduo exprime da sua maneira confusa e obscura o universo que é parte visão divina e parte visão humana. È assim que cada substância é como um mundo a parte, que só pode ser visto e conhecido inteiramente por ela e Deus.

As substâncias existem por duas razões principais, primeiro porque tem um alto nível de perfeição e segundo porque fazem parte da harmonia geral. Para que haja essa harmonia tão prezada por Deus, é necessário que as substâncias estejam interligadas, dependendo e influenciando-se indiretamente com suas ações e paixões.

Tudo que existe depende de Deus. Se Deus apenas criasse as substâncias não implicaria que elas continuassem a depender dele, seria como que depois da criação Deus caísse na inutilidade. Mas não é isso que acontece. O trabalho divino é contínuo, depois de criar ele deve conservar, e assim a dependência é demonstrada, marcando a continuidade da ação de Deus.

Deus buscou infinitos pontos de vista para ver o mundo e transferiu para cada substância criada uma dessas visões. Assim, a totalidade do universo só pode ser conhecida por Ele.

A nossa visão do mundo é sempre verdadeira, porque sua origem é divina, o que nos coloca no lugar de pequenez são os nossos juízos, que partem exclusivamente de nós. A



nossa percepção é sempre verdadeira, o que nos engana é no que ela se transforma quando passa pelo nosso julgamento.

Todos os nossos fenômenos são apenas consequência do que somos. A ordem que os fenômenos seguem faz com que seja possível regularmos nossa moral e prevermos o nosso futuro a partir do passado e da observação das expressões das outras pessoas, pois estamos sempre nos relacionando constantemente. Como fica bem explícito na seguinte passagem do décimo quarto parágrafo do *Discurso de Metafísica*:

(...) todos os nossos futuros pensamentos e percepções não passam de consequências, embora contingentes, dos nossos pensamentos e percepções anteriores, de tal modo que, se eu fosse capaz de considerar distintamente tudo quanto nesta hora me acontece ou aparece, nessa percepção poderia ver tudo quanto me acontecerá e aparecerá sempre, o que não falharia e aconteceria da mesma maneira, embora tudo quanto existisse fora de mim fosse destruído, desde que restassem Deus e eu. (LEIBNIZ, 2004, p. 31)

Uma mesma situação assistida pelas pessoas X, Y e Z será narrada de maneira diferente, e apesar disso não se pode duvidar da veracidade de nenhuma narração. Só Deus é capaz de captar um acontecimento por inteiro, pois só ele tem todas as visões do mundo. Deus é o elo que une todas as partes (as substâncias), só ele exprime a totalidade. É Deus o responsável por manter a ordem e a perfeição do mundo, para tanto Ele teve que escolher o melhor mundo entre os possíveis, este mundo é o atual em que vivemos que se destacou pelo grau de essência dentro da possibilidade de elementos simples.

## 2. Mundos Possíveis

A idéia de perfeição do mundo provém de um Deus sumamente bom, que busca a harmonia, ela é atingida a partir das melhores escolhas, que são mais perfeitas e possuem a melhor combinação de séries, tanto para a substância individualmente, quanto para ela agragada ao mundo. Deus não faz nada fora da ordem, que prejudique a harmonia do universo. Só pelo fato de existir, as coisas são ordenadas e as melhores possíveis. Deus age seguindo regras criadas por ele mesmo. O que chamamos de extraordinário são fatos que

rompem a barreira do nosso entendimento, mas tudo que é por Deus atualizado, segue uma ordem.

O homem pode atuar constantemente no seu futuro com suas escolhas, pois elas são representadas, no intelecto divino, antes da atualização. As criaturas sempre se baseiam na razão dada por Deus para fazer uma escolha, e assim sempre buscam o que lhes parece melhor.

A compossibilidade e a impossibilidade tem a mesma origem, as duas são procedentes de princípios que se correlacionam, e em um segundo momento, elas se separam. As possibilidades compatíveis e com a melhor combinação são preferenciais ao mundo mais perfeito, e a opção de uma série menos perfeita, faz surgir um mundo inferior onde ela se encaixa. Daí as possibilidades passam a ser realidades existentes por si.

Neste momento é necessário conceituar alguns termos. O possível é o que é possível por si só, quando seu contrário não é contraditório. O impossível é quando o seu contrário não é possível, como afirmar e negar uma mesma proposição. O impossível é o impossível relativo, quando não tem como as possibilidades coexistirem. Por último, o compossível e a coexistência de possíveis num mesmo mundo.

Mesmo que as infinitas possibilidades de mundos não sejam compossíveis, eles não se auto-impedem enquanto opções de escolha, pois são independentes. Mas mesmo assim há os que possuem maior realidade e harmonia que na hierarquia dos mundos estão mais próximos do mundo existente e os que muito se distanciam. A pirâmide hierárquica dos mundos possíveis não possui base, ela é infinita, porque há muitas possibilidades para as situações e possibilidades das possibilidades, em progressão ao infinito. O único mundo realmente existente é o atual, que ocupa o topo da pirâmide, os outros existem apenas no entendimento divino.

O mundo que existe é o que atinge o maior grau de essência dentro da combinação de elementos simples, que guarda mais complexidade em menor espaço e possui o maior número de compossíveis entre os possíveis. Então, de todas as combinações de possibilidades e séries possíveis, a que existe é a que possui o máximo de essência, razão e efeito, gastando pouco para isso. Por esse motivo ele é o mais perfeito, que possui a melhor combinação de séries, com mais harmonia e proporção. Para que essa harmonia seja

atingida é preciso haver o equilíbrio de tudo que ocupa o universo, é por isso que existe o mal.

Um exemplo muito peculiar que deixa bem explícito a importância do mal para o bem, a harmonia no fim é dado por Leibniz chamado *O Mito de Sexto*: os mundos possíveis são representados por uma pirâmide sem base, sendo que na ponta se encontra o mundo atual, ou seja, o melhor dos mundos. O mito trata do destino de Sexto e quando surge um dilema vêm com ele os mundos que são as possibilidades acompanhadas de suas séries das possíveis formas de Sexto resolver seu problema. Mas na opção escolhida está a desobediência aos deuses, a cólera, a infâmia e por fim a desgraça e acompanhada da morte. Pelo que a ação de Sexto acarretou, a maioria de nós pode dizer que esta foi uma péssima escolha, que somente houve o mal e a infelicidade, mas Leibniz afirma o contrário, ele diz que nesse mundo, sendo o mais belo e harmônico, descobriremos posteriormente que o crime de Sexto contribuiu para o bem geral, por exemplo tornou Roma livre para ser um grande império e exemplo para o mundo.

Deus opta sempre pelo melhor, mas o que é menos perfeito não implica contradição, ou seja, Deus não deixa de escolher o menos perfeito por impossibilidade, e sim por sua imperfeição. No *Diálogo entre Teófilo e Polidoro* escrito por Leibniz em 1679 demonstra claramente a forma da escolha do melhor, possuidor de maior realidade. Teófilo descreve para Polidoro o seguinte exemplo:

Suponhamos que A, B, C, D, E, F, G sejam possíveis seres, igualmente perfeitos e candidatos à existência, entre os quais há incompatíveis: A com B, e B com D, e D com G, e G com C, e C com F e F com E. Afirmando que se pode fazer existir dois seres simultaneamente, de quinze modos distintos: AC, AD, AE, AF, AG, BC, BE, BF, BG, CD, CE, DE, DF, EG, FG ou, de outra maneira, três seres dos seguintes modos: ACD, ACE, ADE, ADF, AEG, AFG, BCE, BEG, BFG e CDE ou, ainda, quatro de um único modo ACDE, que será escolhido prevalecendo sobre todos os outros. (LEIBNIZ, 1679)

Assim, a opção que possui maior número de possíveis, maior realidade e grau de perfeição consegue vir a existir prevalecendo sobre as outras, de forma que mais nenhuma outra opção poderia ser acrescentada, pois o alto grau de impossibilidade o impede. Então, como explica Leibniz, Deus é como um perfeito geômetra, que sabe

encontrar as melhores construções de um problema; é também como um bom arquiteto que planeja de forma sublime o lugar e o alicerce, onde será construído o universo, conservando toda beleza e esplendor; é também como um pai de família, que sempre busca o melhor para seus filhos e sabe empregar com virtude os seus bens; a um bom maquinista, que sempre busca o melhor caminho para atingir seu fim; e finalmente como um sábio autor, que encerra o máximo de realidade no mínimo possível de volume. Assim, nesses cinco exemplos tirados de condições humanas, completam o que define a primeira lei divina, a saber: a busca incessante pela perfeição e harmonia do universo, é aí que percebemos o principal fator que rege essa lei, que o mundo possui o máximo de realidade possível, que leva a escolha do melhor.

Assim, nesta teoria há possíveis impossíveis e impossíveis possíveis e nem tudo o que é possível é realizado. Há certos possíveis que nunca existem, assim, as coisas que existem nem sempre são necessárias, podem apenas ter sido mais perfeitas que as outras possibilidades, e os possíveis não realizados continuam a ser possibilidades. Mas para que algo aconteça são necessárias algumas condições, há uma lei geral que rege os mundos e cada possibilidade vai para o seu melhor enquadramento, o primeiro fator é ter um grau de perfeição, ser possível, para isso é obrigatório que no caso tenham algumas sentenças que enquadram no fato a ser escolhido e que possam ser distintamente entendidas. Quando se tem duas ou mais opções distintas e possíveis vêm o segundo fator, que é feito a partir do princípio da perfeição, quando a razão existencial de alguma coisa contingente e particular se busca na comparação com as demais, mostrando que ela é mais perfeita que a outra, o que ocorre pela decisão de Deus, que cria o que é mais perfeito por desejar isto. Ademais é necessária a verificação de suas combinações, pois cada possibilidade não vem sozinha, ela carrega com si uma série de combinações, que às vezes o caminho que a primeira vista é o melhor acaba, por sua série, sendo o pior, por esse motivo até o que acontece de ruim na vida das pessoas é bom, a importância de um bem ou mal se vê em longo prazo, quando aparecem as conseqüências do acontecimento.

Então, é certo, mas não é necessário que o homem escolha o melhor. A certeza está na razão dada por Deus de inclinação pelo melhor, e a não-necessidade está que há outras possibilidades que o homem pode optar, ou seja, é certo que o homem vai sempre optar pelo melhor, pois está na sua natureza, Deus o fez assim, mas não é necessário que ele faça

essa escolha, ele tem outras opções, mas Deus sabe que ele escolherá a melhor. Então a ação é contingente, porque seu oposto é sempre possível.

Nas verdades necessárias, a análise continua indefinidamente, e o resultado é uma equação que é uma identidade, o que denominamos "demonstrar-se uma verdade com rigor geométrico". Porém, nas proposições contingentes continua-se a análise ao infinito através de razões para razões, de modo que nunca se completa a demonstração, embora sempre subjaza uma razão para a verdade; mas, a razão é entendida completamente apenas por Deus, que exclusivamente, percorre a série infinita em um só golpe do espírito.

A existência de mundos possíveis descende da teoria de Platão do mundo das idéias, onde há uma fuga do mundo atual para a compreensão do mesmo. Também justifica-se pelo fato de que sem a imperfeição não é possível obter a perfeição e vice e versa, pois não saberíamos se algo é mais perfeito que o outro se não tivéssemos a noção do contrário. Da mesma forma com o bem e o mal, com o claro e o escuro, etc. Os mundos possíveis são importantes também para definir a delimitação da liberdade humana e divina.

As verdades eternas fazem parte do entendimento divino, são as verdades matemáticas, impossíveis de alterar, e seu contrário não é possível, ou seja, é impossível saber o contrário da raiz quadrada de 81. Nem mesmo Deus pode modificá-las, as verdades eternas são parte de uma decisão por ele mesmo tomada, quando decidiu criar o mundo. As verdades de fato são sempre possíveis, dependem dos decretos divinos, que podem se modificar seguindo o princípio da predominância do melhor. Essas verdades abrem o campo da liberdade, as opções e sequências das séries podem sempre ser diferentes, assim é sempre possível usar a razão para escolher entre as alternativas que se desvelam na vida.

As substâncias criadas dependem de Deus por conservá-las e não por tê-las criado, pois a criação é única depois Deus apenas conserva. A diferença entre criação e conservação é extrínseca e muito importante, porque é dessa forma que se prova a continuidade da ação divina. Cada substância exprime, de sua perspectiva, o universo. Assim, tudo o que nos pode acontecer, o que chamamos de fenômenos, são resultados de nosso ser. Esses fenômenos, como tudo que Deus atualiza, possuem ordem e sincronia com os seres e o universo.

A criação do homem foi, para nós, a decisão mais importante tomada por Deus. O Adão criado possuía algumas características primitivas que o definia com Adão, tais como

ser o primeiro homem, viver em um jardim e ter uma mulher tirada de sua costela. Quando surgiu uma questão decisiva, do pecado ou não-pecado, que mudaria toda história da humanidade, surgem os Adãos possíveis, diferentes pela decisão, mas iguais por características primitivas cujo preenchimento e prolongamento são impossíveis, o que faz com que Deus atualize apenas uma possibilidade. No momento que Deus opta pelo Adão pecador, o mundo como representação completa é determinado.

Durante a difícil decisão de pecar ou não pecar surgem as várias possibilidades de Adão, que são representadas, para Leibniz, por outros “eus” de Adão que optam por caminhos diferentes. Assim, esses Adãos dão origem a diferentes mundos impossíveis, que como eles, não possuem existência verdadeira, apenas em potência, no intelecto divino.

Quando Deus teve a intenção de criar, todas as possibilidades de tudo que pudesse existir já vieram a sua mente, e ao atualizar, ou seja, quando ele realmente deu a existência, a opção escolhido foi assim materializada. Os Adãos não atualizados são chamados de Adãos vagos, que não são noções individuais completas, pois se assim fossem Leibniz estaria admitindo a existência de uma mesma pessoa em vários mundos e em diferentes situações. São pessoas que possuem determinados predicados em comum que teriam de ser completados para haver a individualização.

Assim, esses Adãos vagos, por não serem noções completas, “vivem” no pensamento divino apenas o tempo necessário para realizar a opção que o Adão atualizado não escolheu. Pois, pensar nos “eus” possíveis tendo vidas paralelas à do eu atualizado é pensá-los como noções individuais completas, e se assim fizermos estaremos rompendo com o princípio de identidade.

Leibniz designa “pessoa” aquele que possui as características básicas para ser denominado como tal, as possibilidades. Assim, cada pessoa é como se fosse o elemento comum entre todas as possibilidades e a noção completa do indivíduo. E só o Adão pecador, que é o atualizado, pode ser chamado de indivíduo, pois só ele completou a noção de primeiro homem. Dessa forma, o Adão possível é uma pessoa em relação ao Adão pecador atualizado.

O que Leibniz chama de substância possível ou de Adão possível não é uma substância enquanto noção completa de um indivíduo e nem uma noção determinada. Assim, há uma diferença entre as substâncias possíveis e as substâncias individuais

possíveis. Leibniz fala em “infinitude de pessoas semelhantes e diferentes” de Adão, enquanto noção completa, assim, as pessoas são substâncias possíveis semelhantes e diferentes da noção completa e determinada de Adão. As pessoas, então, podem ser definidas como substâncias ou identidade possíveis, como noções vagas que precisam ser completadas para se tornarem indivíduos.

Um Adão não pecador não é uma possibilidade do Adão pecador, mas uma possibilidade ao Adão pecador. Não há uma possibilidade ao Adão pecador atualizado, já que nele já está inscrita a série dos seus acontecimentos, mas há um Adão possível diferente do Adão pecador, com outra série de acontecimentos.

A criação de Adão remete a tudo o que viria depois dele, inclusive nós que hoje habitamos o planeta Terra, pois a noção individual de Adão carrega consigo todos os fenômenos que lhe acontecerão, incluído tudo o que viria depois dele, por esse motivo essa é considerada a criação mais importante de Deus, além de ser a única, porque Deus fez a opção de criar apenas uma vez e depois somente conservar.

Uma pessoa que vive em um mundo é mais compatível com ele e com os outros habitantes. Cada um vive individualmente, mas interligado ao geral, já que todos tem séries compatíveis. A quantidade de substâncias que habitam o universo nunca varia, pois elas são indivisíveis, e de duas não se forma uma, só Deus pode criá-las e aniquilá-las.

Cada substância singular enxerga o mundo da sua maneira, como “um mundo completo e como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo, expresso” (LEIBNIZ, 2004, p.18). Cada substância pertence a um mundo criado por ela mesma, que só ela enxerga, pois cada uma vê o mesmo objeto a seu modo. Então, para compreender o mundo seria necessário conhecer a visão de cada substância, pois é como se o universo fosse multiplicado por quantas substâncias houvessem. É assim, que somente Deus pode compreender o mundo em sua totalidade.

A importância de aceitar a existência das possibilidades vai além da vaidade, é a base mais sólida para provar a contingência, pois se têm outra possibilidade sempre podemos optar por qual nos parece melhor, é daí que vem o que chamamos de livre arbítrio.

### 3. Liberdade

A maior questão encontrada pela metafísica leibniziana é a liberdade. A espontaneidade ligada à inteligência constitui a liberdade. A espontaneidade é a ação que tem princípio no ser ativo, tudo que é espontâneo é contingente, ou seja, quando o princípio de ação está no sujeito. O que diferencia o homem dos outros animais que também possuem atos espontâneos é a inteligência, pois é necessário o conhecimento distinto do objeto da deliberação que os seres vivos irracionais não possuem, o que abre um abismo entre o homem e os animais. O homem é capaz de representar o mundo de maneira distinta, a liberdade consiste em conhecer suas próprias ações, em absorver o maior número possível de percepções distintas sobre o objeto desejado, em entender sua opção por algo ao invés de outro e em ampliar a influência de algum julgamento que faça sobre sua vontade futura. Esta ação da consciência compreende a memória e envolve o pensamento crítico e prático. Então, liberdade é espontaneidade com intelecção, quando o ser é capaz de ser espontâneo e ao mesmo tempo fugir da sua natureza mais primitiva, e não se altera facilmente com as coisas externas, além de ser apto a fazer escolhas conscientemente elegendo com sabedoria e discernimento o melhor, em busca do bem maior.

Toda ação humana visa um bem, sempre estamos em busca da felicidade, mesmo que seja por alguns instantes. Toda liberdade depende da ação, pensando assim quanto mais escolhas uma pessoa faz, mas livre ela é, dessa forma é possível despertar mais suas opiniões e conseqüentemente sua essência.

A idéia de perfeição do mundo provém de um Deus sumamente bom e que busca a harmonia, e esta é atingida a partir das melhores escolhas, que são mais perfeitas e possuem a melhor combinação das séries tanto para a mônada individualmente, quanto para sua inserção no mundo, o mais perfeito. A escolha de algo parte da inclinação da vontade e, por causa disso a nossa mente é forçada por uma razão maior a escolher. A escolha é feita a partir do que parece melhor ao homem e dada a sua imperfeição alguma coisa pode desviá-lo quanto à clareza. A escolha do mundo é feita a partir da clareza que Deus deu ao homem, que é uma inclinação em busca do melhor, ou seja, do bem maior, o que não implica a necessidade do que será feito. Como já foi explicitado no primeiro capítulo *Substância Individual* é certo, mas não é necessário que o homem escolha o melhor. Deus deu a razão para que o homem se inclinasse sempre para o melhor; mas não é necessário porque há outras possibilidades que ele pode optar.



Sendo o homem um ser responsável pelos seus atos, ele é livre, pois pode refletir e escolher, traçando seu caminho por suas próprias escolhas. E, não é pelo fato de que Deus já sabe o que ele vai escolher que diminui a sua liberdade, pois, se pensarmos o contrário estaremos duvidando da capacidade do criador prever as ações de suas criaturas, se não fosse assim não seria Deus onipotente, onisciente e onipresente. As verdades contingentes ou infinitas estão subordinadas ao conhecimento divino e por ele são conhecidas por meio de sua infalível intuição. A intuição de Deus dificilmente deve ser pensada como um tipo de conhecimento da experiência, mas como um conhecimento *a priori*, conhecimento derivado das razões para as verdades. As verdades necessárias são conhecidas apenas por Deus.

Deus possui uma visão totalizante do mundo, que é determinada no momento em que o primeiro homem é criado, onde a importância vai além da criação de uma mônada. Entende-se que Deus não aborda fatos particulares, pois é capaz de agir visando o todo, presente passado e futuro, onde se explica a preferência de Deus pelo Adão pecador e não por outro possível Adão, sendo esta sua mais importante criação. Deus foi livre para criar Adão, partiu de sua própria vontade, da mesma forma que ele optou por criar uma vez só e depois apenas conservar sua criação.

A existência dos mundos possíveis é mais uma prova da liberdade divina. Se não existisse outra possibilidade do que a que Deus atualizou, tudo que criasse seria necessário, e assim, Deus não poderia criar nada além daquilo, o que extinguiria com a liberdade dos homens e de Deus e com os seus decretos. Por esse motivo, é imprescindível aceitar a existência das possibilidades, pois “nada, cujo oposto é possível, é necessário”.

O mundo em que vivemos é chamado de atual por ser único que é atualizado por Deus, que dentre todas as possibilidades possíveis escolheu o que atingia maior grau de essências dentro da combinação de elementos simples. Deus persiste na ideia de harmonia e proporção, que rege até a pirâmide hierárquica dos mundos que de cima para baixo há os que se aproximam do mundo atual e os que distanciam.

O mundo atual existe porque dentre todas as opções este é o que atinge o maior grau de essência dentro da combinação de elementos simples. Somente o mundo atual existe, os outros mundos possíveis estão no intelecto dividido. Por exemplo, um homem hábil que em ocasião de dúvida onde é realmente necessário escolher uma alternativa delineia em sua

mente todas as possibilidades e suas séries, só depois de avaliar os prós e contras tomar uma iniciativa.

Apenas o mais perfeito ganha a existência. Mas tudo o que possui algum grau de perfeição, mesmo que pequeno, é passível de existir. Os mundos “lutam” entre si, é uma guerra, para ver qual é mais perfeito, mais harmônico. Deus produz o melhor não por necessidade, mas por perfeição, ele deseja o melhor através de sua natureza. Não é porque Deus não optou por alguma possibilidade que ela deixa de ser possível, ela apenas não atingiu a real existência. Podemos afirmar também que é possível que o menos perfeito venha a existir ao invés do mais perfeito, pois quando Deus escolhe não observa os fatos individualmente, pois é capaz de ver o todo, ou seja, as séries que cada possível traz consigo. Além disso, podemos afirmar que há possíveis que não alcançam a existência, pois há séries de possíveis que obstruem outras, se é assim, as coisas que existem não são sempre necessárias, pois se não fosse assim, seria impossível para outras coisas existir em seu lugar, e as coisas que nunca existem seriam impossíveis. Então jamais poderemos afirmar que algo é impossível, pois na filosofia leibniziana tudo que tem razão suficiente para existir, existe.

Para Leibniz há uma grande diferença em compreender algo e compreender o que é contraditório. Toda verdade ou é básica ou derivada. As verdades básicas são aquelas que se pode fornecer uma razão; as identidades ou verdades imediatas, que afirmam a mesma coisa de si mesmas ou negam a contradição de suas contradições. As verdades derivadas, são decompostas em dois tipos, as primeiras são as verdades básicas e as segundas dão origem a uma série de etapas que vai ao infinito. As básicas são necessárias e as outras, contingentes. Uma proposição necessária é aquela cujo contrário implica uma contradição. Toda proposição idêntica e toda proposição derivada decomposta em proposições idênticas são de tal tipo, como as verdades denominadas metafísicas, necessidades geométricas ou lógicas. As verdades contingentes, ainda que o predicado esteja no sujeito, não podem ser demonstradas, tampouco pode uma proposição ser reduzida a uma unidade ou a uma identidade, mas a análise continua ao infinito, que apenas Deus pode ver. Estas verdades contingentes podem ser conhecidas de dois modos: através da experiência e por meio da razão. Pela experiência quando percebemos uma coisa distintamente através dos sentidos e pela razão quando alguma coisa é conhecida a partir do princípio geral segundo o qual nada

é sem razão ou que sempre há alguma razão pela qual o predicado está no sujeito. São as verdades contingentes que faz com que os sábios escolham o melhor, que o espírito siga a inclinação maior, partindo de uma necessidade moral. As verdades são, às vezes, demonstráveis, isto é, necessárias e, por outras, são livres ou contingentes, então não podem ser decompostas, por qualquer análise, a uma identidade, a uma medida comum. E essa é uma distinção essencial, tanto para as proporções como para as verdades.

Leibniz primeiramente dividia as verdades em absoluta, que aqui estamos chamando de básica; em lógica, metafísica ou matemática, que chamamos aqui de verdade derivada necessária; hipotética e moral são unidas nas verdades contingentes. Posteriormente ele uniu as absolutas com as da lógica, metafísica e matemática e as denominou necessidade absoluta, e as hipotéticas com as morais e chamou-as apenas de necessidades hipotéticas.

Leibniz falava de necessidade hipotética para destacar que nada é sem razão para ser. A indiferença ou indeterminação é incabível por ser irracional. A necessidade que garante que tudo aconteça nesse mundo é secundária ao ato livre, que ainda que tudo seja de tal maneira sempre poderia ter sido de outra. Ser necessário hipoteticamente é o mesmo de ser contingente, ambas livram o homem da necessidade absoluta, o que garante que todos sejam responsáveis moralmente pelos seus atos. Dessa forma a contingência elimina toda e qualquer possibilidade da necessidade arruinar com o livre-arbítrio, ao supor que a vontade atua em busca de um fim, consciente e reflexivamente.

Deus é o único ser absolutamente necessário, ou seja, sua essência envolve sua existência, enquanto que as demais coisas são necessárias por acidente, necessitando de outro que garanta sua existência. E é isso que Deus faz após criar, ele conserva suas criações. Não existe acaso, não há proposição em que o predicado não tenha conexão com o sujeito, assim, em toda verdade o predicado está no sujeito, e se há essa conexão é uma proposição verdadeira universal afirmativa.

Não podemos conhecer a razão formal verdadeira para a existência de qualquer caso particular pois isso envolve uma progressão ao infinito, é suficiente para nós conhecer a verdade das coisas contingentes *a posteriori*, isto é, através da experiência e ainda, ao mesmo tempo, sustentar, universalmente o princípio divino fixado em nossa mente, e confirmado pela razão e pela experiência que diz:

(...) nada ocorre sem uma razão; assim como o princípio dos contrários, segundo o qual aquilo que possui maior razão, ocorre sempre. E assim como o próprio Deus decretou que sempre atuaria apenas em concordância com as verdadeiras razões da sabedoria, também criou as criaturas racionais de um modo tal que passassem a agir unicamente de acordo com as razões predominantes ou inclinantes, razões que são verdadeiras ou, em seu lugar, aparentes.

Se não houvesse tal princípio, não haveria princípio de verdade nas coisas contingentes. Deus também partilha da necessidade hipotética, pois ele escolhe livremente o que vai acontecer ao universo e a todos os seres que o habitam no momento da criação de Adão. O fato de ficar tão limitado após a criação é opção dele, foi um ato livre. Deus age sempre conforme sua razão, e como supremo ser que é todas as suas ações são dignas de louvor.

## CONCLUSÃO

O fato de muitos não compreenderem Leibniz está que o Deus leibniziano não busca o bem particularmente, o que ele quer é a harmonia do universo, do todo, então se ocorrem coisas ruins não é porque o mundo é ruim, mas que para que haja o equilíbrio, a proporção do universo é necessário que alguns sejam sacrificados. Parece que Deus não ama suas criaturas, ele ama sua criação, que é mais abrangente.

O mundo atual é o mais perfeito para Leibniz, pois é o mais harmônico e que possui maior realidade com mais simplicidade. Para que ele seja proporcional é preciso ter o mal para equilibrar com o bem.

Deus não leva em conta as partes isoladas, Ele vê o universo como um todo e busca a harmonia e o bem comum. Por esse motivo não podemos duvidar de que o que Deus faz é sempre o melhor, pois aquele que ama, busca satisfazer-se pela felicidade e perfeição das coisas. O homem deve se agradar com os desígnios divinos, esforçando-se para agir conforme o bem geral em busca da perfeição. E por mais que alguma situação lhe esteja desfavorável devemos estar certos que está da melhor forma que poderia estar. A substância é individual mas faz parte de um conjunto, o universo, e é melhor o bem da maioria do que o de uma criatura apenas.

Toda substância age conforme sua noção, independente de fatores externos, todas nossas ações fazem parte do nosso conceito de substância, sendo assim pode surgir o questionamento que se mudarmos as nossas ações mudamos também nossa substância. Seria impossível pensar o homem como “não animal”, mas por outro lado, ele poderia ser pensado como “não-pecador”, sem que isso afetasse o seu conceito. Então, há predicados que são hipotéticos, ou seja, fazem parte das possibilidades, e outros que são necessário, e são impossíveis de serem separados do sujeito, se isso acontecesse ele ficaria descaracterizado, e não seria mais esta substância, o que é impossível acontecer. Há também os predicados que integram a essência de várias substâncias e, por isso, não são suficientes para definir uma substância individual, como p. ex. animal racional.

Cada substância tem uma visão diferente do Universo. Cada um tem sua visão de uma mesma situação, pois ela carrega consigo suas experiências, como o fato de duas pessoas assistirem, nas mesmas condições ambientais e físicas um acidente automobilístico, a reação será diferente, e quando forem contar o fato para alguém contarão também de forma diferente, de modo que podemos pensar que não foi o mesmo acidente que elas viram.

Toda criação divina segue uma regra, e quanto mais irregular, mais complexa ela é. Assim devemos considerar que por mais desagradável que seja uma situação, ela segue uma espécie de mecanismo metafísico e está de acordo com a ordem que o universo deve seguir.

A teoria de mundos possíveis vem evitar excessos tanto para o determinismo absoluto, que faria com que todos os possíveis existissem ao mesmo tempo; quanto a necessidade absoluta, onde nada seria possível, somente o que vem a existir. Para que o mundo seja harmônico é preciso ter o mal para equilibrar com o bem. Se houvesse apenas a necessidade absoluta todos os acontecimentos seriam inevitáveis e as criaturas não responderiam por mais nada.

O bem é a finalidade de todos os seres criados por Deus. Parece que ao mesmo tempo em que Deus nos deu um motivo para viver, deu-nos também uma angústia que carregamos desde que começamos a entender a vida, que é a busca pela felicidade plena. Como um fim a felicidade não pode ser alcançada, mas mesmo sabendo disso nós a buscamos incansavelmente, mesmo que seja por alguns instantes, e é isso que nos faz desejar a vida mesmo que ela não exista algum dia.

A real liberdade que Leibniz propõe está na possibilidade de fazer diferente “As criaturas podem ser consideradas livres na medida em que podem agir por si mesmas e em direção de um bem, de maneira contingente”, a liberdade e a determinação não são contraditórias, elas se complementam, para ele não há liberdade fora da determinação. O fato das verdades contingentes não estarem sujeitas ao princípio de contradição é um apoio à liberdade, se não fosse assim, todas as coisas seriam necessárias e nada seria possível. A distinção entre necessidade da consequência e necessidade do conseqüente é muito importante, pois a proposição é uma necessidade da consequência, não do conseqüente, pois é necessária uma vez que admitamos a hipótese de que a entendamos como sendo a melhor, assumindo que o melhor é necessariamente escolhido.

As verdades eternas fazem parte do entendimento divino, são as verdades matemáticas, impossíveis de alterar, e seu contrário não é possível, ou seja, é impossível saber o contrário da raiz quadrada de 81. Nem mesmo Deus pode modificá-las, as verdades eternas são parte de uma decisão por ele mesmo tomada, quando decidiu criar o mundo.

Sempre haverá outra forma de resolver um problema, pois as coisas práticas da vida são verdades de fato. Deus, ao criar o universo segue uma ordem, e tudo que está presente nele deve da mesma forma estar sincronizado. Deus opta sempre pelo melhor, mas o que é menos perfeito não implica contradição, ou seja, Deus não deixa de escolher o menos perfeito por impossibilidade, e sim por sua imperfeição. As possibilidades estão presentes para Deus até durante a criação do universo, e dentre todas as possibilidades que tinha optou pela mais simples e rica. Para isso ele se baseou na escolha do melhor, que possuía o máximo de essência, razão e efeito e menos gastava para isso.

Podemos perceber, que na teoria leibniziana nunca deixamos de realizar nenhuma opção que nos surge. Assim, não deixamos de fazer nada, pois o que não é feito no mundo mais perfeito, é realizado por um outro “eu” menos perfeito em uma realidade suposta no entendimento divino. Também é um consolo, por saber que sempre o que fazemos é o melhor que poderia ser feito. Assim, parece, que de algum modo, nos abrandamos a culpa de algum erro.

## REFERÊNCIAS

CHAUI, M. Imperium ou Moderatio?. Cad. Hist. Fil. Ci. Campinas, série 3, v. 12, n. 1-2, p. 9-43, 2002.

FERREIRA DE SOUZA, A.C. Razão e Liberdade em Leibniz. São Paulo, 2006. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2006\\_mes/andre\\_chagas.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2006_mes/andre_chagas.pdf). Acesso em: 02 jan. 2010.

LACERDA, T. M. A liberdade de Leibniz. Cad. Hist. Fil. Ci. Campinas, série 3, v. 12, n. 1-2, p. 171-186, 2002.

LEIBNIZ, G. W. Escritos em torno a la libertad, el azar y el destino. Madrid: Editorial tecnos, 1990.

\_\_\_\_\_. Discurso de metafísica e outros textos. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Discours de Metaphysique et correspondance avec Arnauld. Introduction, textes et commentaire par G. Le Roy. Paris: Vrin, 1978.

\_\_\_\_\_. Origem Primeira das Coisas. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

MARQUES, E. Observações críticas acerca da noção leibniziana de decretos divinos possíveis. Cad. Hist. Fil. Ci. Campinas, série 3, v. 12, n. 1-2, p. 129-148, 2002.

SANTIAGO, H. Descartes, Espinosa e a necessidade das verdades eternas. Cad. Hist. Fil. Ci. Campinas, série 3, v. 12, n. 1-2, p. 315-325, 2002.

VITOR DE OLIVEIRA, I. Discurso sobre Deus, substância e liberdade nas correspondências entre Leibniz e Arnauld. *Revista de Filosofia*, v. 34, n.108, p79-100, 2007.